

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Paul Vecchiali, Fazer Cinema na Diagonal
5 e 15 de Fevereiro de 2025

SIMONE BARBÈS OU LA VERTU/ 1980

um filme de MARIE-CLAUDE TREILHOU

Realização: Marie-Claude Treilhou *Argumento:* Marie-Claude Treilhou, Michel Delahaye
Fotografia: Jean-Yves Escoffier *Som:* Yves Zlotnicka *Décors:* Bénédicct Bauger *Montagem:*
Paul Vecchiali, Khadicha Bariha, Frank Mathieu *Misturas:* Antoine Bonfati *Assistência de
realização:* Gérard Frot-Coutaz *Interpretação:* Ingrid Bourgoïn (Simone Barbès), Martine
Simonet (Martine), Michel Delahaye (croupier), Sonia Savage, Max Amyl, Noël Simsolo,
Raymond Lefevre, Thamila Mezbah, Myren Astree, Hélène Banville, Nella Barbier, Pierre
Belot, Pascal Bonitzer, Paulette Bouvet, etc.

Produção: Diagonale *Cópia:* em DCP (suporte original em 35 mm), cor, 76', versão original
legendada em inglês e electronicamente em português *Estreia Mundial:* 27 de Fevereiro de
1980 (França). Inédito comercialmente em Portugal *Primeira exibição na Cinemateca:* 7 de
Novembro de 2009, Festival Temps D'images, "O Cinema À Volta de Cinco Artes, Cinco
Artes à Volta do Cinema –

Mostrado pela primeira vez na Cinemateca em 2009, numa sessão que contou com a presença de Marie-Claude Treilhou, **Simone Barbès ou la Vertu** foi exibido no contexto de um programa sobre "Cinematografia e Teatralidade". Da mesma sessão fazia então parte **Tango**, filme de animação realizado por Zbigniew Rybszynski (ou Zbig). Unia as duas obras um mesmo sentido de condensação espacial, que convidava a pensar o enquadramento como um palco que acolhe uma pluralidade de acções. Mas se **Tango** conduzia esta questão ao extremo, ao reduzir-se a um único espaço, onde se desenrolavam todas as acções do filme, **Simone Barbès ou la Vertu** multiplicará este princípio por três, uma vez que se estrutura em três grandes sequências que correspondem genericamente a três espaços distintos.

Simone Barbès ou la Vertu, filme que assinala a estreia de Marie-Claire Treilhou na realização, apresenta a particularidade de se organizar em três "actos", que corresponderão a três espaços distintos: o primeiro, com cerca de trinta minutos, centra-se no hall de entrada do cinema pornográfico de Montparnasse onde trabalha Simone (Ingrid Bourgoïn), a personagem que empresta o seu nome ao filme; o segundo, com outros trinta minutos, localiza-se num bar frequentado maioritariamente por lésbicas, por onde passará Simone depois de sair do trabalho; e o terceiro, com uma menor duração, decorrerá nas ruas de Paris, no interior do carro de um homem desconhecido que conduzirá Simone a casa. Se o filme apresenta uma versão condensada do espaço o mesmo acontecerá no plano temporal, pois aos três espaços distintos corresponderá uma única noite na vida de Simone Barbès, que apenas termina de madrugada, no momento em que as luzes da cidade se apagam. Esta noite na vida de Simone é também a noite de uma cidade semi-obscura para a maioria da população que dorme, a noite dos cinemas pornográficos, do jogo, das sex shops, da prostituição, ..., mas também a noite de todos aqueles que trabalham e vivem neste período.

Neste filme Treilhou observa uma realidade quotidiana e um conjunto de ambientes e de

peessoas que conhece bem, e trabalha todo um conjunto de possibilidades a partir dessa mesma observação, reencenando os seus resultados. Produzido por Paul Vecchiali, cineasta e produtor que assina ainda a montagem, o filme insere-se plenamente no espírito marginal de um grupo de cineastas que neste período reagiam contra todo um conjunto de academismos, e que encontraram apoio na Diagonale, a produtora criada por Vecchiali. Este é o primeiro filme de uma cineasta cuja prática privilegiará uma relação aprofundada com o real, baralhando as fronteiras entre documentário e ficção. “São vias que se cruzam, que se completam. Frequentemente este trabalho de documentarista é o caderno de notas oculto do filme de ficção que vemos. Foi o caso de **Simone Barbès**, porque procurava trabalhar perto da realidade, com a mesma inquietação que no documentário, tratava-se de dar espessura a certos valores, de misturar as ideias preestabelecidas, de fazer sobressair as contradições, dolorosas ou alegres, de mostrar a complexidade das coisas. Sim, decididamente a fronteira é bem ténue entre estes dois géneros...”, dirá Treilhou num texto de 1983 (Cinema du Réel, ed. Autrement).

Simone Barbès ou la Vertu é assim uma obra minimalista que privilegia os tempos mortos, os compassos de espera, as pequenas coisas que fazem parte da vida e das suas inerentes contradições, pois, como tão bem revela o filme, o que interessa a Treilhou é a teatralização da existência das pessoas comuns, habitualmente não retratadas tão objectivamente pelo cinema, e aqui incluímos não apenas os protagonistas, mas todos os que aí figuram, incluindo a galeria de personagens masculinas que desfilam pelo hall da sala de cinema e que abordam as duas raparigas, ou aqueles que se cruzarão posteriormente com Simone. Entre eles encontramos um realizador que pretende assistir ao seu próprio filme, saindo de rompante da sala, enfurecido com as condições de projecção.

E são essas mesmas contradições da vida quotidiana que são expostas no plano final da primeira sequência, quando a câmara se aproxima do rosto de Martine Simonet (a companheira de trabalho Simone Barbès), acentuando a sua solidão, movimento acompanhado por uma banda sonora composta por gemidos ampliados, provenientes dos filmes pornográficos que estarão a ser projectados no interior da sala de cinema, que correspondem a um dos aspectos mais hilariantes do filme. À solidão de Martine, junta-se a de Simone e a de Michel Delahaye, o croupier que esta encontra no final do filme, num muito singular momento de cinema.

Joana Ascensão